

*Rafael Viegas*

---

Notas para um estudo  
sobre as secreções

## 1. O conhecimento momentâneo

Que Newton tivesse escrito boa parte de sua obra para não ser lida pela *Royal Academy of Sciences* de Londres, é uma coisa considerável. O fenômeno, que em si mesmo não é desprovido de sentido, nem inédito, é partilhado espiritualmente por várias outras manifestações dentro da cultura, das ciências, das artes: há, em todos os lugares possíveis, obras renegadas; cortes, decisões inexoráveis; expurgos voluntários – de autores em suas próprias produções – e expurgos ditados de fora – pelas formas mais diferentes e sutis de controle: a língua, a beleza, os dogmas, a ontologia, a evidência, a celebridade, a caridade etc. etc. Portanto, que Newton tivesse escrito boa parte de sua obra para não ser lida pela *Royal Academy of Sciences* de Londres, é uma coisa considerável e (eu esqueci de acrescentar isto) perfeitamente compreensível.

Esses pontos vazios aos quais me refiro, essas excrescências, esses expurgos, são – tais como os quero entender aqui – problemas insuperáveis relacionados à origem mesma das coisas. Vencê-los, quer dizer, superá-los, não deve ser compreendido como o caminho qualitativo irrecusável que se estende da forma passada à presente, linha razoavelmente coerente que vai da disformidade privada anterior até o equilíbrio plenamente reconhecível da sua forma final. Excretar é, não somente um valor reconhecido pelo sucesso subsequente – no qual se baseia a sua finalidade – mas também uma operação que tem por alicerce o desaparecimento sem vestígios de seu momento gerador: mergulho nas entrelinhas e sumiço até onde nenhuma genealogia possível possa penetrar. Toda excreção é, por assim dizer, a deslegitimação completa e, ao mesmo tempo, *normativa* de sua origem, combustão de uma cinza já do além irrecuperável alhures, decisivamente uma observação inqualificável da morte.

Uma inestética. Não se trata, claro de uma binaridade – no que ela seria o campo negativo da vida. Um certo hedonismo, um certo charme desloca-a de lado, provavelmente porque ela é irrepresentável. Um homem maduro, com mais de 45 anos bem vividos, poderia dizer que a morte não é apenas o fim, mas o fim daquilo que, contrariamente a todas as expectativas e todas as falsas realidades dos afazeres e tropeços e sucessos do cotidiano, somente *ele próprio* representa. O fim de uma obrigação sem trégua de reconhecer-se a todo momento, uma espécie de juízo obrigatório, tolo, irresponsável, mas de todo modo inflexível, incontornável. Quando

estiver morto, ser-lhe-á finalmente afixado atrás de si o retrato de uma realidade que não terá mais nenhum sentido – em se considerando que ao menos esse homem, maduro, saiba, antes de morrer, do que trataria a própria existência.

Se pudéssemos juntar todos os fins, a história do mundo se revelaria uma norma absoluta. Quem ainda se lembra do Ressuscitado? Eu poderia repetir esse nome dez trilhões de vezes porque a inutilidade do que pretendo com isso não tem força contra a vida que permanece e desencontra o que fenece, o que apaga, o que morre. A vida desorganiza de uma tal maneira aquilo que não mais lhe pertence, inflaciona-o, torna-o secreto demais. O fim é da ordem do óbvio. Assim não dá. O falecimento, ou antes o morrer de verdade, o *Sterben*.

Há vários cansaços, sob diversos aspectos. A forma se cansa, provavelmente, pela repetição, pela disseminação, pelo peso de seu sucesso e de sua funcionalidade. Ela deve ser legitimada pela atuação de seus reprodutores, que não a escolhem simplesmente como o modelo onde atua a sua linguagem, mas como a própria linguagem. Tranqüilamente instalado neste lugar, que é o modelo, não há saída. Ou há e eu não conheço. Não importa – talvez não interesse muito neste momento. [\*talvez eu possa deixar para esclarecer mais adiante, quando já tiver escrito a seqüência do que erroneamente sustento aqui\*] De qualquer modo, a idéia de que possa existir uma norma inerente a cada opção individual – coisa que suspeitei desde o início e que me orientou até este preciso momento –, a norma peculiar a um fenômeno particular, único, irrepetível, em si mesmo infinito, esta idéia é totalmente absurda, ridícula e notadamente incorreta. Digamos que eu, neste momento, passe a conceber qualquer idéia como uma norma. É uma tolice tudo isso. Não importa, ignoro o que quer que seja, vou-me espalhando em deduções e normas irrecuperáveis. Abuso de formas que *não podem* se repetir. Uma solidez que requer longos anos de preparo parece não existir atrás dessa massa informe de sufixos, de fragmentos de diálogos, números que se apresentam fugidios nos cálculos de prova real, de prova dos nove, erros que sobram no espaço entre as coisas que realmente existem, somente esboçadas naquelas que são realmente pensadas. O tecido onde as normas particulares se desfiguram como num espelho imantado de imagens torna-se meu corpo inexistente. Corpo do conhecimento momentâneo, inutilizável para além de si mesmo: corpo sem paradoxo, de órgãos que funcionam todos aleatoriamente, sem um sofisma sequer (bastaria para isso a noção de subjetividade, sei lá), sem qualquer retórica. Este outro notável modo de excretar-me, esta *mimese* do óbvio, esta redundância, esta última... fase mitológica, que quero dizer? Isto espelha um certo cansaço, é verdade.

## 2. O elemento secretador

Não conhecemos a real extensão de suas polêmicas, mas Heráclito de Efeso era extremamente ávido por querelas sociais. Que o mundo moralmente se deteriore enquanto seu "princípio", sua *arché*, seja inteligível – eis a contradição irreduzível que o mundo, dolorosamente dominado pela tolice irremediável do populacho e da vulgaridade, yeah!, não sublimará jamais. Nesta realidade, porém, o sábio se refestela : a deterioração moral é sua matéria-prima. De sua caverna ele sai de vez quando pra fazer barulho : um sem-número de imprecações, desagravos, maledicências formam os pequenos artefatos de sua *techné*. A famosa idéia do *logos* – no sentido de uma unidade racional do mundo (ainda que se deva realmente questionar o que há de racional nisso) –, não passa aqui, evidentemente, de *logorragia*. Seria inútil buscar-lhe a essência. O *logos* não está lá fora, está *a serviço* de Heráclito, tem realidade moral : vê-se nele o princípio misantrópico que organiza sem se poluir, que não está em nenhum lugar mas que faz compreensível o devir, que estrutura e radicaliza seu despeito e sua exasperação ética, seu estar no mundo e sua guerra pessoal contra ele.

Esse *logos* está longe, muito longe, de ser o do *philo-sophos* – daquele que alterca generosamente, na *polis*, a sua *sophia*. O *logos* é compreensível, diz ele (fr. 2), mas para quem? Heráclito não nos dá os meios de torná-lo inteligível, midiático, socializável. Esse *logos*, portanto, que não é político, tampouco poderia ser uma *philia* : esotérica, sua existência é uma linha reta que desce dos deuses ao sábio – e vice-versa. Passa pelo templo de Ártemis, é verdade, onde Heráclito depositara o seu Da Natureza aos pés do altar, mas não há qualquer sinal de que vá encontrar os homens pelo caminho – eles dormem como crianças diante de sua imediata luminosidade.

Diógenes Laércio (*Vidas*, IX, 6), ainda que respeitadamente, reconhece a existência de todo esse teatro: o sábio, orgulhoso e arrogante, desprezando a própria sabedoria (fr. 40); cioso de um conhecimento que *só ele* possui, cuja genealogia *só ele* pode desvendar (o que, do ponto de vista de um grego bem educado, como Laércio, não tem o menor cabimento); que prefere a companhia dos infantes aos negócios da vida pública (fr. 79); esse sábio às avessas, *ainiktés* (isto é, *aquele que fala por enigmas*), antípoda do sábio soloniano, falando para não ser compreendido pelos desprezíveis seres lá embaixo, é a própria etiologia de um profeta.

Há, claro, o sintoma de sua morte. Enterrando-se em esterco para secar uma hidropsia (?!), cuidando em procurar a opinião [*doxa*] dos médicos – na verdade, o ato de conduzi-los ao tribunal de seus olhos fumegantes e dizer “ahá, viu só, babacas?” –, esse gesto final é a coroação detersiva de toda uma *misosophia*: crítica e sarcasmo ao saber dos doutos (quer dizer, dos inguinorantes), ao saber do mundo. Em última análise, uma zombaria: é no corpo de sua própria doutrina que ele se faz enterrar e morrer, pois “cadáveres, mais que do que esterco, são para se jogar fora” (fr. 96). A ironia de uma galhofada transformada simbolicamente em ato supremo de desprezo e, portanto, de salvação da alma: morrer, secando, na merda, *aúe psiché sopherátē kai arístē* [a alma mais seca é mais sábia e melhor] (fr. 118). Ao que parece, Heráclito não era taxado de maluco por comer merda ou por rasgar dinheiro mas por dizer que havia deuses dentro da lareira (Aristóteles, *Das Partes dos Animais*, I, 5.645 a17). Uma *areté* que merece o esforço de uma psicologia não é o que estou procurando no momento.

### 3. O sanduíche de merda

Uma incontornável realidade de nossa época é a existência do sanduíche. Da enorme quantidade de variantes que a definição pode conter, podemos traçar sua forma básica de maneira bastante satisfatória. É muito simples, sanduíche é a combinação equilibrada de duas fatias de pão envolvendo um recheio à base de proteínas, vegetais e derivados do leite. Embora esta simplicidade seja clássica, desconheço, na paleografia ou iconografia cristã, qualquer indício de que os cristãos primitivos conhecessem o sanduíche na forma atual – esta, por sua vez, devida provavelmente a John Montaigne, quarto *Earl of Sandwich*, morto em 1792.

Entretanto, a Bíblia nos conta que o profeta Ezequiel reconhecia em Yahweh-Deus um *sanduichopietos*. Simplesmente porque Yahweh ordenara, como parte da misteriosa profecia do cerco a Jerusalém, a confecção e ingestão de um novo tipo de sanduíche, sem carne mas intumescido com recheio de cocô.

A merda, de acordo com a receita javista, deveria ser colocada levemente seca num pão feito com trigo, cevada, favas, lentilhas, painço e espelta. A narrativa javista desconsidera diversas características que entrariam no conceito de um bom sanduíche de merda – a cor, o aroma, a consistência, as sutis variações de sabor devido ao estado das fezes e à quantidade de aminoácidos e minerais presentes no momento de sua composição. Também não considera onde Ezequiel deveria recolher o material, nem se ele deveria – como o escólio em torno da pureza deixa suspeitar – recolher *qualquer tipo* de merda, fosse ela dos filhos de Israel ou fezes impuras, extraídas dos não-circuncidados.

Ezequiel acabou por reclamar do sabor do excremento humano e do impacto desse componente sobre a pureza de sua alma. Yahweh-Deus aquiesceu e permitiu a troca de cocô humano por um menos desconcertante recheio de bosta de boi, a quantidade de merda e pão sendo cuidadosamente observada para não ultrapassar os vinte siclos de peso por dia – cerca de 200 g –, sendo a mistura consumida religiosamente durante 390 dias.

É provável, portanto, que a estratégia de Ezequiel visasse não o fato de ser menos repugnante, por algum motivo que desconhecemos, consumir bosta de boi em

vez de caca humana rala – mas sim que sua pureza poderia estar comprometida comendo bosta de seres humanos impuros: “Ah! Senhor Yahweh, a minha alma não é impura. Desde a minha infância até agora não comi animal morto por acaso ou despedaçado por uma fera, nem jamais carne avariada entrou na minha boca”. “Está bem, dar-te-ei excremento de boi em lugar de excremento humano e cozerás os teus pães com eles.” (Ez. 4:9 ss).

É importante lembrar, como fez Voltaire em sua breve descrição do episódio (*Dictionnaire Philosophique*, verbete “Ezequiel”), que Deus não estava sendo irônico nem parcial ao propor a troca de bostas, já que, para Ele, bosta humana, bosta de vaca, diamantes, dinheiro, todos têm o mesmo grau de inutilidade ontológica. Mas, na verdade, levando-se essa mesma consciência divina em consideração, Ele estava sendo irônico sim – se todas as bostas fossem iguais, qual seria a importância de trocar uma por outra? Piedade? Seguindo-se o raciocínio de Voltaire, Yahweh poderia também propor a Ezequiel que enfiasse diamantes no olho do cu a fim de admoestar Israel – o que seria a mesma coisa, em processo inverso.

Portanto, a idéia de sanduíche javista – que não parece ter sido seguida por Israel -, se pertence às idéias de zelo e pureza religiosas, não pertence à esfera da ascese e da cultura do corpo. A prática prescrita por Yahweh não se associa à estilística do *self* nem à punição ou controle de um corpo, mas, através da dieta imposta a *um corpo*, Ele pretende inocular ou acenar para um castigo público de grandes proporções. Entretanto, pensando bem, eu não concordo com esta minha versão dos fatos – nem foi por causa disso que perdi meu tempo refletindo sobre a veracidade ou não dessa narrativa. Era pra considerar uma outra coisa, mas agora não me lembro.